

Análise do Discurso e Argumentação em Sermões Religiosos Televisados

Speech Analysis and Argumentation in Televised Religious Sermons

Sarah Menoya Ferraz^{a*}

^aUniversidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Linguística, SP, Brasil

*E-mail: sarahmenoya@hotmail.com

Resumo

Objetiva-se observar os aspectos discursivos de televangelhos. O objeto de estudo é constituído por culto e missa veiculados na televisão. Articulam-se conceitos de Dominique Maingueneau, principalmente o de cena da enunciação, e as contribuições de Chaim Perelman relativas à argumentação. Os dois teóricos contribuem de formas diferentes, se situam em paradigmas epistemológicos distintos, sendo importantes para pensar o objeto proposto, já que tratamos de um discurso que se constitui na fronteira entre o argumentativo e o discursivo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Teoria da Argumentação. Televangelhos.

Abstract

This paper aims at examining discursive aspects in Religious TV Emissions. The object of study consists of a Protestant and a Catholic TV Emissions. In this study, we consider concepts from Dominique Maingueneau, especially on scene of enunciation, and the contributions of Chaim Perelman on argumentation. Both theorists contribute in different ways and have different epistemological paradigms, but are important to consider them when we think the object proposed because we deal with a discourse that constitutes a border between discursive and argumentative way of enunciation.

Keywords: Discourse Analysis. Argumentation Theory. Religious TV Emissions.

1 Introdução

Justifico minha escolha pelo televangelho, em primeiro lugar, pelo desafio interessantíssimo de assumir um estudo de um discurso constituinte veiculado na mídia televisiva. Em segundo lugar pela escassez de trabalhos científicos em Análise do Discurso (doravante AD) neste sentido, o que marca a sua originalidade e relevância teórica.

Além disso, trata-se de uma forma de ampliar uma problemática desenvolvida por Dominique Maingueneau, que em dois de seus trabalhos cita obliquamente o televangelho. A problemática em questão está esparsa nos trabalhos do teórico francês. Há um artigo em que o teórico (MAINGUENEAU, 2008c) vai desenvolver a questão do sermão, quadro hermenêutico, destacabilidade e de hiperenunciador observando os dispositivos de comunicação de sermão proferido no século XVII e vai dizer ao final do artigo que tudo “isso se aplica tanto a instituições bastante coercitivas, como a Igreja do século XVII, quanto às performances dos “televangélicos” dos dias de hoje”. Percebe-se então que este trabalho foi sugestivo para realização de uma pesquisa neste campo e para este gênero. Há ainda um outro artigo de Maingueneau (2009), que se aproxima mais das motivações deste artigo, que trata da homilia televisiva em contraste com um sermão proferido no século XVII. Este é um artigo que trata mais diretamente das mudanças temporais na forma de comunicação devido às urgências da vida moderna.

Além destes trabalhos desenvolvidos pelo teórico francês, há outros conhecidos como o trabalho de Edvânia Gomes da Silva *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. Trata-se de tese defendida no IEL da UNICAMP em 2008. Este trabalho faz uma análise da relação interdiscursiva que constitui e atravessa dois movimentos religiosos da Igreja Católica: Teologia da Libertação e Renovação Carismática Católica. Para tanto, apresenta-se um estudo da semântica global desses dois posicionamentos. Com base na relação entre os diferentes planos do discurso, procura-se verificar como se constitui o espaço de trocas que antecede a gênese destes discursos. Apesar deste trabalho se ater ao estudo do campo religioso ante os pressupostos da AD, não diz respeito a televangelhos.

Eni Pulcinelli Orlandi também apresenta as características próprias do discurso religioso em um capítulo de seu livro *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* de 1983. A autora destaca a propriedade de reversibilidade dos lugares discursivos ocupados no discurso religioso e as suas peculiaridades.

Além disso, há alguns trabalhos que articulam a AD com a “nova retórica”. É o caso do artigo de Marco Túlio de Souza *A magia televisiva no discurso religioso: uma análise de argumentação e discurso do programa Show da Fé*. O autor escreveu seu artigo durante sua graduação na Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Ele trabalha com os conceitos

de “texto”, “imagem” e “corpo”, utiliza-se de um televangelho para análise, e consegue, com sucesso, dizer da importância do uso das duas teorias (AD e Teoria da Argumentação) para analisar o objeto ora proposto.

Há outro trabalho, *Estudo religioso sob a perspectiva da Nova Retórica*, de Moisés Olímpio Ferreira, doutorando do Programa de Pós Graduação de Filologia e Língua Portuguesa da USP, que utiliza a “Nova Retórica” para pensar o discurso religioso.

Feitas essas ressalvas, fica ainda certo de que pouco se investe no estudo do discurso religioso televisivo. Este campo fornece questionamentos infinitos sobre a linguagem nos seus aspectos diversos.

2 Material e Métodos

As ferramentas teóricas de que disponho a utilizar na minha dissertação de mestrado são inúmeras, mas para o presente artigo me restringirei a utilizar as noções de Cena da Enunciação propostas por D. Maingueneau e algumas considerações de C. Perelman sobre argumentação.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo construir, ou reconstruir, os aspectos referentes à cena de enunciação e o fazer argumentativo observando culto e missa veiculados na televisão (que constituem nosso objeto de estudo) articulando alguns pressupostos teóricos da AD e da Teoria da Argumentação (doravante TA). Este estudo transita por um carrefour entre duas teorias que se situam em paradigmas epistemológicos distintos e, portanto, contribuem de formas diferentes.

As reflexões sobre o discurso de televangelhos são feitas, neste estudo, por meio da observação de dois modelos de discurso que compõem o corpus de análise: um modelo do discurso evangélico e um modelo do discurso católico apresentados em programas televisivos.

Para o modelo do discurso evangélico observar-se-á o programa *Vitória em Cristo*, que é apresentado pelo pastor Silas Malafaia. O pastor é apresentador, é conhecido por debater temas de cunho moral-religioso na televisão, além de ser responsável por diversas entidades pertencentes a sua igreja. O programa se situa nos âmbitos da doutrina da Assembléia de Deus, é transmitido pela Rede Bandeirantes semanalmente. O vídeo eleito como material de análise foi colhido no site do Youtube em 25 de abril de 2010 e compõe um programa que veio sendo reprisado em *Vitória em Cristo*. Os televangelhos desse programa são filmagens dos cultos presenciais em que não se sabe quando aconteceram.

Para o modelo do discurso católico observar-se-á o programa *Missa do Santuário da Vida*, que é exibido pela Rede Vida, sempre ao vivo, todos os dias. O santuário é um espaço que recebe caravanas, equipes de celebração e celebrantes de todo o país. O programa aqui analisado foi exibido em 13 de agosto de 2009 e a missa foi celebrada pelo padre Manoel Cirino da Paróquia Imaculada Conceição da cidade de Parapuã.

Proponho refletir sobre esta escolha. Se nossa análise fosse sobre dois modelos de uma mesma religião, estaríamos lidando com dois discursos que concorrem um mesmo espaço. Então se fôssemos analisar o discurso da Igreja Presbiteriana e o discurso da Congregação Cristã (que não tem programas televisivos), seríamos obrigados a considerar a disputa pelo espaço evangélico. Caso diferente acontece neste estudo que admite a análise de dois televangelhos produzidos a partir de religiões diferentes. O desafio para o pesquisador é maior pelo fato de que os submodelos trazem uma carga semântica ainda mais diversificada. Não há disputa por um espaço religioso específico, mas por um mesmo espaço discursivo, que é a televisão, cada qual nos moldes institucionais próprios e nas suas formações discursivas específicas. Portanto, esses televangelhos foram escolhidos num recorte feito dentro de uma rede grande de outros enunciados que os transpassam.

Esse espaço é ainda pouco pensado nos âmbitos dos estudos da AD, mas nem por isso é menos importante. O estudo desses *corpora* contribui para o reavivamento das discussões acerca do papel da linguagem na formação de grupos sociais determinados pelas relações comunicativas que estabelecem.

Faço minhas as palavras de Maingueneau (2008b, p.63), que ao apresentar o seu recorte disse que “o que importará nessa apresentação não será tanto aprofundar o conhecimento desses dois discursos, mas chegar às implicações teóricas e metodológicas a eles relacionadas”.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, visto que a observação é sobre o comportamento linguístico e que tem como ponto de partida a realidade social. O método a ser utilizado tem características fenomenológicas, pois a preocupação é descrever o acontecimento dentro da realidade dos fatos a fim de verificar o discurso dentro do contexto real da sua ocorrência.

As amostras foram colhidas intencionalmente. O critério para a escolha dos modelos para análise é motivado pelas preocupações teóricas que o trabalho exige.

3 Resultados e Discussão

3.1 Análise do discurso e teoria da argumentação

O objeto de estudo ora analisado nesta dissertação se constitui, sem dúvida, de um objeto multifacetado; seu sincretismo é evidente. O televangelho nos permite olhar de diversas maneiras as questões de linguagem que o permeiam. É possível falar em comunicação, assim como é possível falar em argumentação, em discurso, em semiótica, etc. Seria muito pretensioso querer abraçar todas as questões.

A pesquisa está filiada aos pressupostos da AD francesa e conta com algumas contribuições teóricas da TA.

Sabe-se que entre as duas teorias há divergências que podem parecer impossibilitar um trabalho de pesquisa. Isso só seria verdade se não soubéssemos articular seus posicionamentos de forma a adequar as teorias às necessidades científicas.

As divergências de que trato no parágrafo anterior

se dão, por exemplo, quando a TA afirma que sujeito, ao enunciar, escolhe aquilo que vai de encontro com as suas necessidades e, a partir disso, sua argumentação caminha no sentido de mostrar que as teses combatidas levam a uma incompatibilidade com a verdade que a comunidade adere, então aquele que não aceita as teses se utiliza de proposições que são contraditórias. Uma tese seria negação da outra. Isso faria parte de um sistema formalizado. Para Maingueneau esse sistema não é fechado totalmente nas suas concepções, pois há um atravessamento de outros discursos e há o uso do discurso do outro no estabelecimento de seu próprio. Além disso, a TA utiliza da noção de “acordo” para explicar que todos os membros concordam mutuamente. Entre todas as divergências epistemológicas entre a AD e a TA, acredito que esta seja a mais discrepante, pois esse “acordo” entre os pontos de vista se daria numa espécie de escolha consciente feita por orador e auditório quando para a AD não se trata de escolha, mas de inscrição numa determinada formação discursiva e, portanto, inconsciente.

Apesar das contradições, a TA pode contribuir de forma positiva na investigação das estratégias argumentativas e no modo organizacional dos interlocutores. É isso que este artigo tem de mostrar: esse carrefur teórico pode ser útil para um bom estudo de discursos constituintes. O diálogo estabelecido entre as duas teorias se evidencia, por exemplo, no entendimento de que um argumento produz efeito satisfatório por conta não apenas do orador, mas também da qualidade do auditório e do que se sabe sobre ele. Em outras palavras, pode-se afirmar que nas duas teorias há a concepção de um auditório persuadido no discurso, pois para a TA todo discurso se dirige a um auditório, por isso, não está distante das ideias de intersubjetividade da perspectiva enunciativa. Além disso, a chamada “nova retórica” ocupa-se das estratégias discursivas usadas por um locutor na procura de adesão de um auditório às teses propostas, o que também aproxima a AD em seu intuito de descrever o discurso em situação. Um exemplo para esse intuito da AD é o que Maingueneau faz ao afirmar que o efeito de se produzir evidências é provocado pelo discurso.

3.2 Da noção de Cena da Enunciação

Para entendermos melhor as escolhas feitas, partiremos das observações teóricas de Maingueneau (2008b), como a noção de interdiscurso e de cena de enunciação. Para o autor a noção de interdiscurso é ligada a existência de três fatores: o *universo discursivo*, que engloba todos os conjuntos de formações discursivas de todos os tipos, o *campo discursivo*, conjunto de formações discursivas que concorrem entre si (sobre isso falamos em campo religioso), e o *espaço discursivo*, outro recorte feito pelo analista daquilo que julga relevante observar (no nosso caso, os televangelhos).

Quanto a noção de Cena da Enunciação, trata-se de um quadro enunciativo. Esse quadro é composto por três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A *cena englobante* se refere aos tipos de discurso. No fazer discursivo é necessário que o sujeito se inscreva numa cena englobante para que seja constituído como um sujeito cristão, um sujeito empresário, etc. Para o estudo aqui proposto cabe observar que estamos lidando com o campo discursivo religioso, campo de conflitos ideológicos e que, por isso, se compõe de segmentos diversos. No Brasil há um imenso guarda-chuva de concepções. No cristianismo observamos: o catolicismo, que adota uma diversidade de práticas (heterodoxas, informais, carismáticas, etc), o protestantismo, ainda mais vasto (luteranos, presbiterianos, batistas, etc), o pentecostalismo, visto muitas vezes como parte do protestantismo, entre outras imbricações.

A *cena genérica* relaciona-se ao gênero discursivo. Os interlocutores, no processo discursivo, se inscrevem num tempo e num espaço determinado. Deve haver um suporte material, um modo de circulação. O trabalho com o televangelho é interessante porque caracteriza uma cena genérica muito singular. Trata-se de um discurso de fácil acesso, por ser televisivo, e que envolve auditórios presentes e distantes. A *cena genérica* do quadro cênico que estamos tentando definir é o sermão. Maingueneau (2009, p.38) afirma que o sermão é um gênero oral monológico e que esses enunciados são “geralmente apoiados em um texto escrito cuidadosamente com antecedência. Seu objetivo é tanto melhorar o entendimento da doutrina e encorajar os crentes a viverem mais de acordo com as exigências religiosas”¹

Definido o que caracteriza um sermão, temos também de definir o seu meio de circulação (e condições de produção). Os sermões analisados são recentes, não possuem o mesmo formato dos sermões do século XVIII. Maingueneau (2009) fez um estudo comparativo entre dois sermões católicos, um de 1702 e outro de 2008 e notou, tendo como resultado um artigo, que apesar de se tratar de um mesmo gênero discursivo, houve uma mudança significativa no sermão do século XXI por conta de uma aceleração geral no ritmo de vida e como consequência o tempo dos sermões foi reduzido devido a concorrência que tem com outras atividades, como as imensas opções de entretenimento, impostas pelo modo de vida contemporânea. No âmbito da televisão temos ao mesmo tempo acesso a diversas programações por meio de canais diversos. E além da televisão, que já possui imensas opções, temos na vida outras atividades. Outro fator sócio-histórico que modifica os moldes discursivos é a imposição de caracteres próprios da mídia audiovisual. Maingueneau (2009, p.37) observa que “estamos lidando tipicamente com uma situação tripartida: onde o pregador fala a dois

1 Tradução do original em francês: “le sermon entre dans la catégorie des énonciations monologiques orales, appuyées en général sur un texte soigneusement écrit à l’avance. Sa visée est à la fois d’améliorer la compréhension de la doctrine et d’inciter les fidèles à mener une vie plus conforme aux exigences religieuses” (MAINGUENEAU, 2009, p.38).

públicos simultaneamente: os fiéis presentes diantedele e os telespectadores invisíveis”². A televisão é um meio de extensão do discurso.

A *cenografia* diz respeito ao fato de que aquilo que é enunciado integra uma cena que é válida por conta desta enunciação. Segundo Maingueneau (2008a) “o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento de enunciação que valida a própria instância que permite sua existência”. Os locutores não se confrontam diretamente com o quadro cênico, mas com uma cenografia que é instituída pelo próprio discurso. A fala implica uma cena de enunciação que se valida por meio da própria enunciação. A cenografia implica a figura de enunciador, que em nosso objeto de estudo se constitui pelos membros presentes no momento de culto ou missa, são os crentes em determinados dogmas. Há, além disso, uma definição de lugares. Neste caso, há um leque de possibilidades: a casa de Deus, a igreja, o programa televisivo, a minha sala de TV, etc. Há ainda os momentos que marcam a enunciação: o acolhimento do pastor, do padre, a fase apelativa do discurso, a bênção, etc.

3.3 Algumas contribuições da teoria da argumentação

Perelman (1996, p.138-139) ao analisar o que há de comum entre as comunidades conclui que o fato de haver preferência a uma interpretação é característica da formação de um grupo. Nas palavras do autor: “o fato de conceber sua preferência a uma certa interpretação ou mesmo o de crer na existência de uma única interpretação válida podem ser reveladores de um sistema particular de crenças ou até de uma concepção de mundo.” Ainda segundo Perelman(1996, p.62) “consentir na discussão é aceitar colocar-se do ponto de vista do interlocutor.”

O teórico utiliza da noção de “acordo” para explicar esse “consentimento na discussão”. Trata-se deste “sistema particular de crenças”, ou seja, o orador escolhe as premissas contando com a adesão dos ouvintes às proposições iniciais. Os objetos de acordo recaem sobre as concepções de fato, verdade, valores e hierarquia de valores que constituem a comunidade linguística. E todo cenário enunciativo é provocado pela argumentação.

A argumentação tem como objetivo formar grupos que, assim como dito, se uniram em um mesmo propósito, pois são adeptos dos mesmos ideais. A argumentação é possível a partir do consentimento da comunidade, ou seja, do que o ouvinte admite como verdade. É por isso que o orador leva em conta o “engajamento prévio do auditório, ou seja, [...] a sua adesão às teses defendidas” (PERELMAN, 1996, p.68). Isso faz com que haja um acordo sobre a formação dessa comunidade e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada. Essa situação, em que a comunidade é composta por membros que aceitam previamente as ideias propostas

pelo orador, facilita a convicção do orador de estar certo de que não será colocado em dúvida. Essa curiosa situação pode nos fazer pensar, erroneamente, que se trata de uma argumentação fraca, sem tanto valor apreciativo, já que o argumento vem depois que o ouvinte já aceitou os enunciados como verdade. Pelo contrário, o valor retórico das proposições e do modo de enunciar é intensificado na medida em que há acordo prévio; a argumentação é ainda mais valorosa no sentido em que se intensifica uma crença.

Esse “engajamento prévio” é alicerce para a construção de uma cena enunciativa que favorece a adesão levando a comunidade a considerar mais a validade do que é dito e os valores que são intrínsecos ao discurso do que veracidade, que realmente não se alcança, e os possíveis argumentos de refutação.

O acordo entre as instâncias enunciativas é tal que se faz inútil a presença de outras marcas de adesão ao ponto de vista. O que há, portanto, é o estabelecimento do que já se entende pelo discurso, já que este foi elaborado com bases no próprio dogmatismo.

3.4 O modelo do discurso do televangelho evangélico

3.4.1 O espaço discursivo evangélico – o pentecostalismo da Assembléia de Deus

O pentecostalismo é um movimento que atravessa a noção de religião. Há quem estabeleça um elo de influências entre o pentecostalismo evangélico e a Renovação Carismática Católica. Isso não nos interessa neste instante. Basta reconhecermos que se trata de uma renovação da igreja cristã buscando um contato direto e pessoal com Deus. É necessário passar pelo batismo no Espírito Santo. No Brasil o povo pentecostal está associado à ideia de evangélicos.

Esse nome, *pentecostal*, se deve ao dia de Pentecostes, que foi uma festa judaica que comemora a descida do Espírito Santo na forma de línguas de fogo diante da presença dos apóstolos.

O pentecostalismo se manifesta de diferentes formas teológicas e organizacionais. As igrejas pentecostais têm um núcleo doutrinário comum, mas há no Brasil muitas denominações diferentes. Diferente das igrejas evangélicas tradicionais (e muito diferente da organização da Igreja Católica), não existe nenhuma organização central ou igreja que dirige o movimento.

Não são necessários profundos estudos para perceber o quanto esse espaço discursivo se amplia. A velocidade em que as igrejas evangélicas ampliam seu espaço, fazendo surgir novas denominações, é evidente.

Mas para a nossa segurança em afirmar tal proposição baseamo-nos em Read (1967), pesquisador presbiteriano que cita um estudo feito por J. Marle Davis em que se afirma que

2 Tradução do original em francês: “On a donc typiquement affaire à une situation de trilogue: où le prédicateur s’adresse à deux publics simultanément: les fidèles présents devant lui et les téléspectateurs invisibles” (MAINGUENEAU, 2009, p.37).

esse crescimento no Brasil é maior que em outros países. Read complementa dizendo que esse crescimento se deve, sobretudo às igrejas pentecostais, que no estudo de Davis foram aliadas as tradicionais. Importante pensar que Read realizou esses estudos na década de 60 e ainda nos parece muito familiar.

No ano de 2000 o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), apontava 26 milhões (cerca de 15% da população) que diziam-se evangélicos (distribuídos: pentecostais com 17,6 milhões, tradicionais com 7,1 milhões e outras denominações com 1,3 milhão). O registro da taxa de crescimento anual dos evangélicos no país (7,42%) era mais de quatro vezes e meia a taxa de crescimento da população (1,63%).

Em 2010, o mesmo órgão de pesquisa anuncia que os evangélicos somam 42,3 milhões, ou 22,2% dos brasileiros. Mesmo com o crescimento de evangélicos, o país ainda segue com maioria católica somando 123,3 milhões, cerca de 64,6% da população.

Porém nos estudos de Read (1967) ele afirmava que o recenseamento estatístico do governo não constituía dado digno de confiança e provou que o crescimento das igrejas pentecostais era muito maior o que se propunha a informar.

Ainda segundo Read (1967) muitos evangélicos tradicionais fazem críticas a respeito desse crescimento dizendo, entre outras coisas, que a qualidade da devoção é mais importante que a quantidade de gente na igreja. Na opinião do autor os dois fatores devem estar ligados, não se pode cultivar a qualidade menosprezando a quantidade.

Outra questão notada por Read (1967) é a natureza emocional do brasileiro. É por ela que os pentecostais expressam seu culto.

Quanto as origens da Assembleia de Deus, sabe-se que seus primeiros líderes foram suecos e americanos. De acordo com Read (1967, p.122-123):

Em 1902 surgiu em South Bend, Indiana, um reavivamento pentecostal. Vinha gente [...] que tinha ouvido dizer da ação do Espírito na conversão e consagração daqueles, que passaram pela experiência pentecostal. Gunnar Vingren, ministro batista, de origem sueca, recebeu nessa ocasião, o Espírito Santo. Encontrou-se com Daniel Berg, também de origem sueca, no reavivamento, e ambos ficaram hospedados em casa de um antigo sueco OlafUldin. Numa reunião de oração em sua casa, Uldin profetizou que Berg e Vingren deviam ir para um lugar chamado 'Pará'. Ambos foram à uma biblioteca e começaram a procurar nos mapa-múndi até encontrarem um Estado brasileiro, denominado 'Pará'. Considerando isso uma indicação da vontade do Senhor, partiram. Compraram passagem de terceira classe num navio cargueiro e chegaram sem um tostão a Belém do Pará. Vestiam pesadas roupas de lã quando arrastavam as malas para o jardim público e perguntaram a Deus, o que fazer. Os milagres se sucederam um após outro, conforme recebiam as instruções de Deus, dia a dia, através da oração. Após cinquenta anos de frutífero trabalho no Brasil, um desses missionários pioneiros, Rev. Daniel Berg, recebeu a honra de celebrar o 50º Aniversário da grande Igreja, que iniciara em circunstâncias tão humildes, quando de seu desembarque no Brasil a 19 de novembro de 1910 [...] A Igreja difundiu-se com grande rapidez e logo se fez sentir a necessidade de uma organização nacional. Essas congregações se denominavam «Assembléia». [...] Em 1934, o Sr. Frank Stalter

e esposa foram indicados pela Junta Americana para trabalharem no Brasil, e empenharam-se mais na fundação de igrejas no solo brasileiro. Os missionários americanos foram pioneiros em muitas partes dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde foram instrumento para a multiplicação de igrejas. As Assembléias de Deus americanas promoveram dinâmico programa de literatura. Graças a um plano de cooperação, organizou-se no Rio de Janeiro, uma casa publicadora, que tem editado muita literatura evangélica.

Sobre a manutenção financeira da igreja, Read conta que os métodos dos primeiros missionários era ter uma atividade remunerada para o gasto de suas despesas até que pudessem ser sustentados pela igreja. Com o tempo “o índice de crescimento assegurou-lhes a independência financeira” (1967, p.133)

Desde a sua constituição até hoje essa instituição tem na educação oferecida bases em princípios bíblicos, principalmente na ordem de Deus para trazer o dízimo. A maioria das igrejas tem um programa semanal bem dividido. Durante a semana pode haver cultos, mas normalmente os membros se encarregam das reuniões que são feitas nas casas dos crentes. Aos domingos há a Escola Dominical na parte da manhã e o culto à noite. São dados os avisos e informações sobre a semana passada ou seguinte. Há uma preocupação em convidar os não-crentes para os cultos e reuniões.

A organização simples da igreja é marca da informalidade que a atravessa. As pessoas humildes se sentem bem. O pastor fala a língua do povo. O povo se sente atraído pela esperança de uma vida melhor. O visitante é sempre saudado.

3.4.2 O televangelho de Silas Malafaia

O programa Vitória em Cristo é apresentado pelo pastor Silas Malafaia e faz 30 anos de existência. O programa é transmitido para várias cidades do Brasil, todos os sábados, de meio-dia às 13h, pela Rede Bandeirantes; de 09h às 10h, pela Rede TV; e de segunda a sexta-feira, de 16h às 17h, e aos sábados, de 14h às 15h, pela CNT. Sua versão dublada para o inglês é exibida em mais de 200 países. Segundo o site do programa, www.vitoriaemcristo.org, há 1 bilhão de telespectadores.

Mais recentemente houve a inauguração de um novo programa televisivo, o Fala Malafaia, exibido aos domingos pela TV Bandeirantes.

O pastor também organiza eventos, como o Congresso Pentecostal Fogo para o Brasil, o Congresso de Avivamento Desperta, a Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo (Eslavec) e a cruzada evangelística Vida Vitoriosa para Você, visando pregar o Evangelho para o maior número possível de pessoas.

É presidente do Conselho de Ministros do Estado do Rio de Janeiro (Comerj), vice presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb) e presidente da Editora Central Gospel e da gravadora Central Gospel Music. Em 2010 foi eleito pastor da Assembléia de Deus na Penha para substituir o pastor José

Santos. Hoje o nome da igreja é Assembléia de Deus Vitória em Cristo e tem aproximadamente 25 mil membros.

Curioso observar a atemporalidade do sermão. O vídeo eleito como material de análise foi colhido no site do YouTube e não há menção sobre a data da publicação do vídeo na internet. Há várias postagens feitas por pessoas diferentes e, provavelmente, em momentos diferentes. Esse aspecto atemporal do vídeo na internet não é um fenômeno isolado, pois algo parecido acontece na televisão. Porém, cabe observar que a mídia digital se encontra em condições de produção da enunciação diferentes da mídia televisiva. Em outras palavras, nestes meios de circulação, a atemporalidade é considerada em diferentes níveis enunciativos. Atenho-me apenas às questões relacionadas à circulação dos enunciados na televisão, que é meu objeto de estudo. Nos televangelhos desse programa, que são filmagens dos cultos presenciais, o pastor não diz ao telespectador (mesmo havendo um momento direcionado ao telespectador) que dia, mês ou ano esse culto presencial acontece. No máximo é dito algo como “estamos no culto da terça feira do perdão”, por exemplo. Trata-se de um culto muito reprisado nos programas e a não informação sobre a data exata do culto faz com a reprise seja mais adequada pelo fato de não dar a entender que pode ser um vídeo antigo, desatualizado. Essa é uma característica própria do discurso televisivo. Entre outras características que propõem efeitos de sentido estão: o horário da emissão, a emissora, o dia da semana e a cena enunciativa do meio televisivo. São esses elementos discursivos que implicam o caráter atemporal.

Trata-se de um sermão pregado numa Assembléia de Deus na cidade do Rio de Janeiro. O tema do sermão é “Deus está no controle”. Aparentemente o pastor quer se fazer entender pelas proposições estatísticas e argumentações sólidas ao afirmar os vários motivos pelos quais são observados que Deus está no controle.

Após a delimitação das coisas nas quais Deus está no controle, o pastor Silas começa a conclusão de que o mesmo poder de Deus para controlar tudo é o que pode controlar a vida individual e as bênçãos que o fiel pode receber:

[...] quem sabe essa noite, não sei, não quero adivinhar, não tou chutando pra ver se acerto, mas quem sabe lá no trono da glória da graça de Deus, Deus tem emitido uma palavra a respeito da tua vida, do teu filho, do teu emprego, do teu marido, da tua mulher, desta confusão que tu ta metido, desta causa na justiça, desta guerra contra você [...] uma palavra de Deus e a coisa tá resolvida, porque ‘operando Eu, quem impedirá?’ Ah, uma palavra, uma palavra. Uma palavra e Deus pode trazer a resposta que você precisa.

Essa é uma das partes apelativas do discurso. É o que os ouvintes esperavam depois de toda argumentação aparentemente sólida e é o que responde a pergunta: “O que Deus quer dizer com isso?”. Trata-se de uma *Hermenêutica*

Codificada (já observada por Maingueneau, 2008a), pois para todo o discurso que irá circular dentro desta comunidade será exigido que se faça a pergunta para que se tenha a resposta certa ditada pelo *hiperenunciador*. Observa-se então que a resposta é sempre vinda de Deus e Este é o mantenedor da cena enunciativa e, portanto, é Ele mesmo o *hiperenunciador*.

Essa conclusão, oferecida pelo enunciador, estabelece um acontecimento efetivo de comunicação sócio-ideológica, visto que o discurso é movido na interação entre sujeitos a fim de atingir diretamente a vida dos sujeitos. Por isso, é observável que há uma situação de assujeitamento do sujeito – o que é determinado está previamente aceito – ele é ideologicamente dominado.

O enunciatário e/ou enunciador que não se orientar de acordo com aquele discurso agirá incorretamente e, desta forma, não pode ser classificado como membro. Afinal, como sempre enfatizado por Perelman (1996), existe um contato intelectual e um acordo sobre o fato de se debater um assunto e formar aquela comunidade.

O pastor constrói uma boa imagem de si ao enunciar as ideias previamente concordadas. Desta forma, se insere como “assembleiano”, pertencente ao grupo e representante de Deus e do grupo.

A figura deste enunciador constitui uma cena de enunciação imprescindível para existência da comunidade discursiva. Ele é representante do grupo e autoridade para argumentação, digno de confiança dos ouvintes e não será colocado em dúvida. Quando o pastor diz: “Deus está no controle. Ai você me pergunta: De quê? E eu respondo: De tudo”, é marcada sua posição como apto a dar respostas, mostra que o Espírito Santo o habita e por isso tem autoridade na palavra. Além disso, este trecho contribui para mais uma reflexão: a pergunta feita pelo pastor se refere efetivamente a alguma dúvida dos seus ouvintes? Evidente que não. Esta proposição foi dada como forma retórica para intensificar o que já se acredita. O orador sabe que o ouvinte foi pré-disposto a aceitar qualquer coisa que fosse dita dentro dos quadros enunciativos próprios da instituição Assembléia de Deus. Portanto, o orador sabe que o ouvinte foi pré-disposto a aceitar que Deus está no controle de tudo. Ao enunciar o orador conta com a adesão dos ouvintes às teses levantadas.

Há um momento, porém, em que o orador não mascara a aceitação, ou seja, ele deixa claro que há um consentimento, um acordo mútuo. Em: “Há um episódio interessantíssimo: o caso de Jó, que todo mundo conhece...” aparece como sendo necessário trazer à mente do ouvinte aquilo que já se sabe³ para que possa ser confirmada a tese. Essa constante situação é o que define a comunidade discursiva que “conhece”. Pois, como vimos, nisto consiste a cenografia do quadro enunciativo que estamos tentando definir.

3 A essa técnica argumentativa, Perelman (1996) chama de recurso de presença.

Veja o trecho:

Agora... “Pastor, eu queria, assim, que o senhor me desse algumas provas reais que o senhor está fazendo uma afirmativa, que DEUS está no controle de tudo. Se Deus está no controle de tudo, Ele tem que controlar algumas coisas pra me provar que Ele está no controle de tudo.” Então vamos fazer uma análise pra gente tirar uma prova dos nove, se o Deus que nós servimos está no controle de tudo. Primeiro: se DEUS está no controle de tudo, Deus tem que controlar o mundo espiritual, seja de Satanás, ou seja, do Seu reino. Porque se Deus não controlar o mundo espiritual, Deus não está no controle de tudo.

O orador constrói sua argumentação usando a lógica aristotélica para construir um saber que torna a sua fala válida. Estabelecem-se as premissas (P) e suas conclusões (C):

P1- Deus está no controle de tudo.

P2- O mundo espiritual faz parte do que entendo por tudo.

C1 - Portanto, Deus controla o mundo espiritual.

P3- Deus está no controle de tudo.

P4- Deus não controla o mundo espiritual.

C2 - Portanto, P3 é falsa e Deus não está no controle de tudo.

P5 - O verdadeiro crente, assembleiano, aceita C1.

P5 - Aceito C1 e não aceito C2.

C3 -Portanto, sou verdadeiramente um assembleiano.

Este discurso, produtor de interatividade entre enunciador e enunciatário, conforme afirma Perelman (1996), é um gênero filosófico não pela adesão de um interlocutor determinado, mas pela adesão de uma personalidade que tem de inclinar-se ante uma evidência da verdade.

Estabelece-se assim um diálogo nas teorias de Perelman e Maingueneau. Este último se vale do termo *participação* apresentando este sistema da seguinte forma:

O locutor que cita mostra a sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar *Thesaurus* de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde circulam esses enunciados e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar de um tal *Thesaurus*. Por sua enunciação, o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu locutário são membros desta comunidade, que eles são arrebataados em uma relação do tipo especular: o locutor cita como aquilo que poderia/deveria ser dito pelo locutário e, mais amplamente, por qualquer membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento (MAINGUENEAU, 2008, p.94,95).

3.5 O modelo do discurso do televangelho católico

3.5.1 O espaço discursivo católico

O termo católico, em suas origens, significa universal. É uma igreja cristã que tem como autoridade suprema o Papa. O objetivo é a conversão ao ensinamento de Jesus Cristo e a interseção à Santa Virgem Maria.

Quanto a sua origem as datas são polêmicas, mas podemos afirmar que existe como instituição há aproximadamente dois mil anos

Impossível descrever esse espaço discursivo nos mesmos quadros com que pudemos falar do pentecostalismo

evangélico. São espaços estruturalmente diferentes. Não há na igreja católica aquela variedade de denominações como há na igreja evangélica.

Isso se dá principalmente pela existência de uma estrutura prévia das cerimônias religiosas na qual todas as igrejas do mundo devem obedecer. Os católicos chamam essa cerimônia de missa ou celebração.

O padre é a figura que age em nome de Jesus. Segundo Cechinato (1979, p.25), ele é sacerdote, presbítero e profeta.

Como sacerdote, administra os Sacramentos, preside o culto divino e cuida da santificação da comunidade; como profeta anuncia o Reino de Deus e denuncia as injustiças e tudo que é contra o Reino; como presbítero, o padre administra e governa a igreja.

O padre é também o Presidente da Celebração. Para realizar a cerimônia o padre tem de usar as vestes litúrgicas. Entre elas estão a túnica, manto longo que cobre todo o corpo, e a estola, faixa vertical que simboliza o sacerdócio.

Quanto ao altar Cechinato (1979) afirma que se trata do símbolo do sacrifício de Jesus e representa a mesa da Ceia do Senhor. No altar deve-se usar uma toalha branca comprida e limpa.

Há outros ícones que fazem parte da cerimônia: hóstia (o pão repartido ao povo, ao padre e todos participantes), vinho, cálice (taça revestida de ouro ou prateada onde vai o vinho), âmbula (semelhante ao cálice, mas tem uma tampa, nela vai as hóstias), patena (pratinho de metal que vai a hóstia do padre), água (para purificar as mãos do sacerdote, o cálice e a âmbula, e ser colocada no vinho simbolizando a união do povo com a divindade), pala (vai sobre o cálice), sanguinho (toalhinha comprida branca), corporal (toalhinha quadrada que fica embaixo do cálice e da âmbula), galhetas (duas jarrinhas de vidro, numa vai água e noutra vai vinho, ficam num pratinho ao lado do altar), manustérgio (para enxugar as mãos do Presidente), missal (livro que tem o rito da missa), crucifixo (fica sobre o altar), velas (sobre o altar vão duas velas, a chama é símbolo da fé), flores (nas laterais do altar em dias festivos).

Quanto ao funcionamento do ritual da missa há, como dito, uma estrutura prévia em que todas as cerimônias obedecem. Segundo Cechinato (1979) o roteiro para a missa é o seguinte:

Ritos iniciais: De pé - monição ambiental, canto de entrada, acolhida e saudação, ato penitencial, hino de louvor, oração “coleta”.

Liturgia da palavra: Sentados - monição para 1ª leitura, proclamação da 1ª leitura, salmo responsorial, monição para 2ª leitura, proclamação da 2ª leitura, monição para o evangelho. De pé - canto de aclamação ao evangelho, proclamação do evangelho. Sentados – homilia. De pé - profissão de fé, oração dos fiéis.

Liturgia Eucarística, Preparação das oferendas: Sentados – canto e proclamação das oferendas, apresentação do pão e do vinho, presidente lava as mãos. De pé – orai, irmãos, oração sobre as oferendas. *Oração eucarística:* De pé – prefácio, invocação, narrativa da ceia, consagração do pão e do vinho,

“eis o mistério da fé”, lembra morte e ressurreição de Jesus, oração pela igreja, louvor Por Cristo. *Rito da Comunhão*: De pé – Pai-nosso e oração seguinte, saudação da paz, fração do pão, cordeiro de Deus, felizes os convidados. Sentados – distribuição da comunhão, canto de ação de graças, oração após comunhão.

Ritos finais: De pé – comunicados e convites, bênção final, despedida.

Verificamos a existência de duas leituras. Porém nos dias úteis, pode-se omitir a primeira leitura, ficando apenas a segunda leitura e o evangelho. O ritual completo é obrigatório nas missas de sábado e de domingo e nas missas em dias festivos.

Não deixando de levar em conta todo o conhecimento acerca do contexto do ritual católico, este trabalho faz a análise da parte “Liturgia da Palavra”, constituída pelos elementos supracitados no seu subtítulo. Um destes elementos, como observou Cechinato (1979), é a homilia, que se baseia numa abordagem que relaciona as leituras feitas com a temática sobre a qual dizem respeito estabelecendo sempre uma relação com o cotidiano dos ouvintes.

3.5.2 O televangelho do Santuário da Vida

A Rede Vida foi idealizada pelo jornalista João Monteiro de Barros Filho, filho de peão de boiadeiro, nascido no dia 5 de novembro de 1938. A emissora começou com a disputa pelo canal 11 de São José do Rio Preto. Monteiro Filho conseguiu duas importantes adesões para levar avante o projeto: a do arcebispo metropolitano de Botucatu, Dom Antonio Maria Mucciolo e a do arcebispo de Mariana, Dom Luciano Mendes de Almeida. Em 17 de dezembro de 1992, Monteiro Filho fundou o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã.

O programa Missa do Santuário da Vida é exibido pela Rede Vida, sempre ao vivo, da cidade de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, de segunda a sexta-feira das 19h10 às 20h00 e aos domingos às 08h00. O santuário é um espaço que recebe caravanas, equipes de celebração, ministérios de todo o Brasil que se inscrevem no site do canal ou por telefone para assistirem a missa de perto. Não há um padre apenas responsável pelas missas, a cada dia vem um celebrante diferente.

O programa aqui analisado foi exibido em 13 de agosto de 2009.

O programa começa com o logotipo da emissora. A imagem é de um vitral em mosaico formando o desenho de um cordeiro com a circunferência na cabeça indicadora de santidade. À frente da imagem o texto escrito em amarelo “Missa Do Santuário da Vida é dito por um narrador de voz masculina. A cor amarela é a mesma do símbolo da Rede Vida, pode sugerir o ouro, aquilo que é valioso.

A cerimônia realizada conta com o uso da Liturgia Paulus, ano B da quinta-feira da XIX (décima nona) semana do tempo comum.

Aplicando o conceito de cena da enunciação proposta

por Maingueneau, pode-se perceber que a cena englobante e a cena genérica se constituem de modo igual no modelo do discurso do televangelho evangélico. Sobre essas duas cenas já comentamos no item 3.1, cabe ressaltar aqui que elas não trazem grandes novidades se não estiverem diretamente articuladas à cenografia.

Não é porque no sermão católico a cerimônia se faz mediante enunciados determinados em liturgia que não exista cenografia. Afinal a cenografia não é um quadro estático, não está determinada de antemão pelo gênero, mas pela enunciação. O sermão poderia se fazer valer por inúmeros meios “cenográficos”, mas a questão é que aqui me refiro a um televangelho que constrói o seu próprio quadro do dizer a medida em que enuncia. A própria existência de uma parte da cerimônia intitulada “Liturgia da Palavra” vai implicar a cena de enunciação. Isso porque trato de um discurso que exige o comentário de textos “primeiros”, daí então o que permite a existência da cenografia imposta pelo discurso são as instâncias enunciativas em que ele se dá. Trata-se do texto “primeiro”; o seu comentário (a homilia), em que o padre vai elaborar sua fala de acordo com o universo do sentido que o texto impõe; um lugar físico-presencial; um lugar midiático e um momento histórico, cronológico.

Entretanto, apesar de analisar com prioridade o rito “Liturgia da Palavra”, é importante pensar que a cenografia é construída em todo fazer discursivo (a cenografia é um quadro, mas não é estático, pois também é um processo), por isso cabe pensar na missa como um todo.

Uma maneira de compreender um pouco deste fenômeno discursivo, que é o processo a que me refiro no parágrafo supracitado, é pensar que as convicções acerca dos pontos de vista comuns entre os membros da comunidade discursiva católica resultam nos elementos constantes em todos rituais. Mas para constituição de uma comunidade discursiva não basta simplesmente esses elementos existam, deve haver participação dos membros da comunidade discursiva na realização da cerimônia religiosa. Isso fica evidenciado na fala do padre no momento dos Ritos Iniciais:

Todos participam desse encontro com Deus. Seja bem vindo, meu irmão, minha irmã que está em casa participando. Você que talvez possa estar sofrendo alguma situação que a vida lhe trouxe e esse momento é o momento para fortalecer.

Além da disposição física (onde o padre fica a frente, os fiéis numa posição inferior e os telespectadores ausentes da situação de enunciação) percebe-se também, nesta materialidade verbal, que as posições são estabelecidas dentro do quadro enunciativo: o orador, que saúda a todos; o ouvinte presencial; o telespectador, que está em casa. Destes, que são “bem-vindos”, há aqueles que encontram necessidade de se “fortalecer”: esse é um argumento do padre e que sugere, implicitamente, um consenso, um ideal comum, que estabelece a maneira de se constituir como instituição religiosa. Em outras palavras, há um motivo para ir ao Santuário da Vida ou para assistir ao programa. Seria mais ou

menos como *dizera católico, mas isso não basta, devo, por isso mesmo (pelo fato de ser católico), me fortalecer*. Apesar de não podermos negar a existência deste ideal comum, a comunidade discursiva analisada aqui não se estabelece por conta disso. Esse pertencimento e essas posições são apenas resultado do assujeitamento, ou seja, da inscrição histórico-social do sujeito nesta formação discursiva.

Em um trecho da Homilia o padre afirma que o pecado nos leva a uma consciência plena daquilo que fazemos quando somos verdadeiros cristãos, reconhecemos que o amor do Cristo é o bem de família. Têm-se mais um exemplo que justifica o pertencimento do sujeito a comunidade (pelo fato de ser cristão), a sua posição no quadro enunciativo e, como consequência, a ação relativa à maneira de viver (reconhecer o amor do Cristo e que somos pecadores). O ouvinte percebe que há uma maneira “verdadeira” de se colocar como “cristão”, pois segundo o padre para ser “verdadeiros cristãos” deve-se ter consciência dos seus atos. Segundo D. Maingueneau (2008a, p.72) “as ideias suscitam a adesão do leitor por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*”.

O uso do termo “verdadeiros”, assim como qualquer elemento que marca a argumentação em um discurso constituinte, é um uso pretensioso. Ele foi adequado no propósito do discurso porque se sabe da busca dos membros à “verdade” cristã, já que é neste quadro em que o ouvinte se coloca (ou foi colocado historicamente).

Tanto o televangelho evangélico como o católico são produtos de enunciados formados por meio da pretensão de suas instituições, porém a estrutura formal do sermão católico cria um efeito de objetividade maior, uma ilusão criada pela impressão de que o roteiro pré-definido não deixa margem para comentários subjetivos, mas apenas para a “verdade essencial”. Quando a leitora diz “Vamos receber o presidente desta celebração...”, “Liturgia da Palavra”, “Salmo responsorial”, “Evangelho”, etc, são colocadas proposições com tom de título para marcar as sequências do roteiro da missa. Por isso, pode-se afirmar que a maneira organizacional da celebração é também é um dado significativo no que diz respeito à produção de efeitos de sentido.

4 Conclusão

Este artigo não tem pretensão de ser completo nas suas conclusões e nem poderia ter, afinal este estudo não é tão corrente em AD e nem mesmo em Teoria da Argumentação. O discurso religioso, sobretudo o televisivo, nos âmbitos das disciplinas da linguagem parece não ser rotina de trabalho, mas isso não significa ser menos importante. De qualquer maneira aqui está uma proposta o início de trabalhos neste sentido.

Cada modelo escolhido para análise têm um quadro cênico determinado de acordo com suas condições de produção. Eles são produtos de uma mesma cena englobante (campo religioso) e uma cena genérica (sermão televisionado), porém

não são constituídos da mesma materialidade discursiva, pois não se dão conforme a mesma cenografia; são atos de fala diferentes. O discurso, em cada caso, se mantém por meio da sua enunciação, que produz certos efeitos na comunidade discursiva, que é, ao mesmo tempo, validada por conta deste discurso. Tentamos mostrar um pouco destes efeitos produzidos em cada televangelho. Esses efeitos de sentido, que estabelecem a própria constituição do discurso, fazem parte do início e do fim da cenografia dos sermões e também são construídos pelas próprias artimanhas argumentativas e propostas pelo conhecimento do auditório, como sugere Perelman.

A Teoria da Argumentação traz como contribuição a observação quanto à constituição da comunidade discursiva que se faz conforme a adesão das ideias pelos seus membros. Essa adesão não é fruto da aceitação do discurso no momento da sua produção, mas de um acordo sobre as teses defendidas já dadas de antemão. O fato de os participantes aderirem às teses do orador o faz digno de confiança e é por isso que a argumentação de um discurso constituinte ganha força.

A Análise do Discurso e a Teoria da Argumentação são suficientes para compreender como os discursos se impõem na constituição de uma comunidade discursiva e como o discurso institucional se torna um discurso individual.

O que caracteriza este discurso dentro deste contexto cristão não é a argumentação de verdades incontestáveis. O que prevalece como característico é a identidade de um grupo cuja existência se dá pelo fato de se inscreverem numa concepção de mundo historicamente determinada por fatores externos aos enunciados e compartilharem às teses outorgadas institucionalmente.

Referências

- CECHINATO, L. *A missa parte por parte*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, M.O. Estudo do discurso religioso sob a perspectiva da Nova Retórica. In: GARCIA, B.R.V. et al. *Análises do discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.
- MAINGUENEAU, D. Le sermon: contraintes génériques et positionnement. *Langage et Société*, v.4, n.130, p.37-59, 2009.
- MAINGUENEAU, D. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G.M.P. et al. *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: uma nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- READ, W.R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.
- SILVA, E.G. *Os (des)encontros da fé - análise interdiscursiva de*

dois movimentos da Igreja Católica. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas.

SOUSA, M.T. *A magia televisiva no discurso religioso: uma análise de argumentação e discurso do programa Show da Fé.*

In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE/ INTERFACES COMUNICACIONAIS, 15. Vitória. Anais... Vitória: UFJF, 2010.